

## Erich Fromm – Da psicanálise social à religião humanista

Ralph Gniss\*

**Resumo:** A presente matéria descreve o desenvolvimento da proposta de uma religião humanista a partir da análise marxiana e de um aprofundamento das teorias freudianas em direção a uma abordagem de relevância prática.

**Palavras-chave:** Caráter, produtividade, biofilia, *experiência x*.

**Abstract:** This article shows the development of the proposal about an humanistic religion from the analysis of Marx' and an deepening of Freud's theories towards their practical approach.

**Key words:** Character, productivity, biofilia, *x-experience*.



Afinal, Erich Fromm, nascido em 1900 e falecido em 1980, era filósofo, sociólogo, psicanalista, crítico de cultura ou o que? Sem margem de dúvidas, ele atuou em todos estes campos. Mas isso permite desqualificá-lo como um mero compilador de ideias que, à semelhança dos autores de florilégios medievais, combinou algumas ideias com certa conexão temática, sem, contudo, sistematizá-las em volta de um tema centralizador? Há comentaristas neste viés que o acusam de juntar pedaços desconexos para criar um emaranhado de ideias, um tipo de colcha de retalhos, no lugar de uma clara sistematização racional, conforme

o modelo de outros grandes fundadores de sistemas do pensamento humano como Aristóteles, Tomás de Aquino, Espinoza, Kant e Hegel até Marx e Freud, para nomear umas das suas fontes mais importantes. São principalmente autores de cunho marxista ou freudianos ortodoxos que o acusam de falhas na sistematização (cf. SCHAAR, 1965, p. 39 – 47), ou de “terrorismo metafísico” – seja isso o que for (CARVALHO, 1986/87, p. 136). Todavia, o interesse central de Fromm não era teórico, e seu esforço intelectual não se dedicava à construção de teorias abrangentes sem nexos com a realidade humana.

Co-fundador do Instituto de Pesquisa social em Frankfurt, Fromm estudou Marx, fez seu doutorado com Alfred Weber sobre um tema sociológico, estudou Freud, fez sua psicanálise didática, mas nunca abandonou suas fontes judaicas que o haviam marcado profundamente. Dizendo-se “não-teísta”, nunca desvinculou-se da cultura judaica em sua prática hassídica, tal como demonstrou no seu livro revolucionário de leitura do Antigo

Testamento, “*You shall be as Gods*” (1966a), em sua tradução “*O Espírito da Liberdade*” (1967).

Mas, quanto mais essas vertentes do pensamento se tornaram escolas – a Escola de Frankfurt com sua tendência cada vez mais hermética da Teoria Crítica, ou a Sociedade de Psicanálise, que não conseguiu desvincular-se da ideia básica do *Libido* sexual como força motriz e/ou inibidora do crescimento humano – Fromm se distanciava. A partir de 1939, se afastou da Escola de Frankfurt, levando isso a uma ruptura definitiva em 1947, com a publicação de “Análise do Homem” e o incremento de Adorno definitivo neste instituto – os dois nunca se entenderam: teoria, e mais nada, esta era a crítica de Fromm ( HARDECK, 2005, p. 58ss). Em 1953, ele percebeu que seu nome não constava mais na lista dos membros da “*International Psychoanalytic Association*”, porque ele admitiu, contra o dogma desta, “leigos”, i.é., não-médicos à formação psicanalítica (HARDECK, 2005, p. 118).

#### a) Psicanálise Social

Fromm, como nós o conhecemos, tornou-se conhecido em 1941 com seu livro “*O Medo à Liberdade*”. Nesta obra, Fromm, desde 1934 exilado nos USA, levanta um questão psicologicamente instigante: como um povo, o alemão, luta tanto tempo pela liberdade política (desde 1848) para entregá-la, de graça, a um regime totalitário como o nazista? Segundo Fromm, o ser humano vive inicialmente numa simbiose até física com a mãe. Seu nascimento significa a expulsão deste ambiente aconchegante e protetor, ou seja, paradisíaco, o que corresponde ao início da sua liberdade a ser conquistada. Esta liberdade é imprescindível para o desenvolvimento da sua autonomia, mas tem que se pagar

o alto preço de uma incerteza, de um medo elementar, do sentimento de abandono e isolamento. Ou seja: o ser humano necessita da liberdade, sair da união simbiótica com a mãe em direção à sua individuação para tornar-se ele mesmo, para constituir seu *Self*, mas deseja seu sentimento de certeza e proteção de volta. A terra da cocaína é um bom exemplo disso. Este desejo de voltar ao paraíso se dá em termos particulares por uma tendência a quaisquer dependências, sejam químicas, em termos sociais pela projeção desta insegurança numa supermãe, chame-se ela nação, raça, partido, igreja, de cuja grandeza o ser humano – aparentemente – participa. Mas, o ser humano e sua destinação intrínseca à liberdade são inseparáveis. O homem é, segundo Sartre, condenado a uma liberdade que o amedronta. Ele pode continuar dependente das vinculações simbióticas, mas pelo preço da sua maturidade e autonomia, de um vazio interior sem rumo e sentido. A tendência intrínseca à liberdade individual transforma-a, quando fugimos dela, num fardo insuportável, resultando em inclinações neuróticas e doentias.

Ainda em “*O Medo à Liberdade*”, bem como no próximo livro, “*Man for Himself*”, de 1947, em sua versão portuguesa “*A Análise do Homem*” (1966), Fromm se mostra ainda um freudiano bastante ortodoxo, relativizando, contudo, sua teoria fundamental do *libido*. Todo o seu pensamento posterior está embutido nesta análise que pode ser considerada seu livro mais central. O que segue depois, considero uma exegese destas teorias básicas em várias direções.

Em “*A Análise do Homem*”, Fromm desenvolve sua teoria do Caráter social como uma junção das constantes

antropológicas com as respostas de variedades históricas (cf. GNISS, 1995, p. 84-90). Ele contrapõe tendências não produtivas de origem simbiótica a tendências produtivas. As não produtivas se caracterizam por não levar o indivíduo a sua possível autonomia e liberdade e, em última análise, se tornam destrutivas: ‘A Destrutividade é o resultado de uma vida não vivida’ será o resumo, largamente aprofundado em sua “*A Anatomia da Destrutividade humana*” de 1973. Ser não produtivo significa, antes de mais nada, não confiar em suas próprias capacidades, esperar tudo de outrem, de fora, seja aguardando tudo dos outros, seja explorando o outro, seja acumulando coisas como dinheiro, ações, jóias, amigos, ou livros – em vez de gastá-lo, usá-las, exercer a relação de amizade, ou lê-los. A sensação fundamental é esta: tudo que eu posso fazer, tenho que receber de outrem. As coisas provenientes de fora são minha bengala que substituem a coluna vertebral, que seria inteiramente minha, garantia da minha autonomia e identidade inconfundível.

Fromm caracteriza ainda uma tendência que hoje em dia é tida como a mais “normal”; ela passa quase despercebida em suas conseqüências malignas por configurar a ‘normose’ atual: a forma neurótica que, por onipresente, é amplamente aceita. Esta é a tendência ao caráter do marketing. Identificar-se com ele significa sentir: eu valho como pessoa humano tanto quanto consigo vender de me, das minhas capacidades e competências no mercado de trabalho. Meu valor de pessoa humana reduz-se ao IBOPE, ao BBB e à minha contribuição ao PIB, e quando este valor de mercado não está em alta, meu valor de pessoa humana está em baixo. Afinal: a pessoa se prostitui ao seu valor mercantil; pensa e faz apenas aquilo que

outros esperam dela. Não há espaço para identidade ou inteireza, liberdade ou autonomia individual: o que vale, é vender-se a preço de mercado; sucesso confunde-se com individuação. De criatividade, coragem civil e resistência necessária nem se fala: o cartaz numa igreja evangélica no sul dos USA “*A free thinker is a Satan’s slave*”, serve de exemplificação. Este é ponto extremo de chegar a uma sociedade uniformista, intolerante, de valores aparentemente indiscutíveis. E repararemos nesses tempos concretos: muitas igrejas evangélicas de hoje estão, com sua intolerância, nesta mesma direção – uma tendência com os resultados demoníacos de aplinar diferenças e alteridades, de substituir o *Self*, o ser-si-mesmo em sua unicidade e inconfundibilidade pelo clima calorento de pertencer a um grupo de concepções e objetivos mal refletidos, mas semelhantes.

Todas essas tendências, ao desvalorizar a vida em suas manifestações mais espontâneas, desembocam em tendências destrutivas, e muitas vezes auto-destrutivas: a vida se vinga por ter sido negligenciada naquilo que ela é, vida a ser vivida, em sua originalidade. Isso, Fromm vê confirmado em sua experiência psicoterápica. Em última análise, tudo isso leva ao contrário oposto da biofilia, do amor à vida, à necrofilia, entendida aqui não no seu sentido de patologia sexual, mas da preferência a tudo que é morto, inibe a vida, tal como “lei e ordem” ou organização e controle exagerados. Citando Fromm:

“Enquanto a vida se caracteriza pelo crescimento numa maneira estruturada e funcional, a pessoa necrófila ama o que não cresce, tudo que é mecânico. É impelida pelo desejo de transformar o orgânico em anorgânico, de

aproximar-se da vida mecanicamente, como se todas as pessoas vivas fossem coisas. Memória em vez de experiência; ter em vez de ser, é o que interessa. O necrófilo pode relacionar-se com um objeto – uma flor ou uma pessoa – somente para possuí-la; por isso, uma ameaça a sua posse é uma ameaça a ele mesmo. [...] Ele gosta de controle, e no ato de controlar, ele mata a vida. Teme profundamente a vida por ela ser, por sua natureza, desordenada e incontrolável. ‘Lei e ordem’ são para ele ídolos – tudo que ameaça a lei e a ordem é sentido como um ataque satânico aos seus valores supremos.” (FROMM, 1947a, p. 43; *apud*: GNISS, 1995, p. 87s.)<sup>1 2</sup>

E Fromm conclui resumindo:

“A necrofilia constitui uma orientação fundamental; ela é uma solução para a vida que se acha em contradição completa à própria vida; é a mais mórbida e perigosa das orientações de vida de que o homem é capaz. Ela é a verdadeira perversão: enquanto via, na ama a vida, mas a morte, não o crescimento, mas a destruição. A pessoa necrófila, se ousa tomar consciência do que sente, expressa o lema da sua vida ao dizer: ‘Viva a morte!’” (FROMM, 1947a, p. 48; *apud*: GNISS, 1995, p. 88)

É mais difícil entender adequadamente o termo do caráter produtivo para não ser confundido com a efetividade: a efetividade se pauta pela demanda mercantil e a correspondência da pessoa a suas atribuições alheias – a produtividade requer e reforça a

autonomia, a independência e a individuação:

“Produtividade é a capacidade do ser humano de utilizar *suas* forças e de realizar as possibilidades nele presentes. Se dizemos que o homem tem que usar *suas* capacidades, significa isso que ele tem que ser livre e dependente de ninguém, que o domina ou suas forças. Isso significa também que ele deve ser guiado pela razão, pois ele pode usar suas forças só quando sabe quais as são, como elas podem ser usadas e para que elas devem servir. Produtividade significa que o homem se vê como incorporação das suas forças e como atuante; que ele se sente unido às suas forças e que elas não lhe sejam ocultas nem alienadas” (FROMM, 1947a, p. 57, *apud*: GNISS, 1995, p. 91).

Para explicar essa produtividade, Fromm compara-a com a atividade de um artista: é fundamental que ela parta das suas próprias capacidades intrínsecas, e quanto mais desinibido de dependências de outrem ele é, quanto mais livre, tanto mais pode brotar esta força original de dentro, constituindo o *Self* ao levá-lo à tona. É isso que torna sua produção artística algo original. É característico que a pessoa produtiva vibra com o que ela faz, dificilmente ela sente exaustão, pois ela descobriu a fonte no seu íntimo e se percebe haurindo dela. O fim da sua atividade não é a satisfação de atribuições alheias, nem a expectativa de algum benefício no futuro – realizá-la é a própria recompensa de uma tal atividade autotélica (cf. CSIKSZENTMIHALYI, 1992, pp.103-5). O resultado desta orientação produtiva é uma maior felicidade como expressão psicofísica a auto-realização, de viver de acordo com as potencialidades do seu *Self*:

“Felicidade e infelicidade expressam na realidade o estado de

<sup>1</sup> Todas as traduções do alemão pelo autor, exceto: FROMM, 1967.

<sup>2</sup> Todas as citações de Fromm referem-se a *Gesamtausgabe* (Edição completa), hg, por Rainer Funk, Muenchen, 1980 (10 volumes) e Muenchen, 1999 (12 volumes). Traduções do autor, exceto FROMM 1967(= 1966a GA).

todo o organismo, da personalidade inteira. A felicidade está ligada a um aumento de vitalidade e produtividade, da intensidade de sentir e pensar. Infelicidade significa uma diminuição dessas capacidades e funções. Felicidade e infelicidade são o estado atual da nossa personalidade como toda.” (FROMM, 1947 a, p. 115, *apud*: GNISS, 1995, p. 94).

E Fromm resume seu raciocínio ao concluir:

“Felicidade indica que a pessoa encontrou a solução para o problema da sua existência: a realização produtiva das suas possibilidades e, com isso, sua unidade com o mundo e a preservação da integridade do seu *Self*. [...] Felicidade é o critério da habilidade na arte de viver, e por isso uma virtude no sentido da ética humanista” (FROMM, 1947a, p. 120, *apud*: GNISS, 1995, p. 94).

## B) Elementos religiosos



Em 1949, Fromm recebeu o convite de assumir as *Terry-Lectures* na *Yale-University* sobre “Religião na luz das Ciências e da Filosofia”. (FUNK em GA VI, p. 374) que mais tarde foram editadas sob o título *Psychoanalysis and Religion* (1950a), editado em português no mesmo ano (*Psicanálise e Religião*, 1950).

Fromm se dedica aqui à pergunta central: diante de tantos e tantos avanços da tecnologia, será que o homem se aproximou mais do seu sonho do aperfeiçoamento do seu ser enquanto homem? “Do homem que ama seu próximo, pratica a justiça, fala a verdade, e tornou realidade o que ele é segundo suas potencialidades – ser imagem de Deus?” (FROMM, 1950a, p. 230). Segundo Fromm, muitos homens regridem diante das exigências da vida e da auto-realização a um tipo de religiosidade que lhes traz conforto, e assim eles não se entregam à vida, mas buscam um pretensa segurança que, por exemplo, as Igrejas lhes prometem. Enfrentando essa tendência e desmascarando-a como não-produtiva, Fromm contrapõe-na à posição dos autores do Iluminismo:

“Na base da sua confiança na razão humana, os filósofos do Iluminismo, que igualmente investigaram a alma humana, afirmaram a independência do homem das correntes políticas bem como dos elos da superstição e da ignorância. Eles ensinaram como defender-se de condições da existência que exigem a manutenção de ilusões. Sua investigação psicológica fundamentou-se na tentativa de descobrir as condições da felicidade humana. Eles diziam que um estado de felicidade só pode ser atingido quando o homem alcançou sua liberdade interna” (FROMM, 1950a, p. 232).

Após uma comparação das características que Freud e Jung deram à religião, Fromm analisa diversos tipos da experiência religiosa, desvinculando-os das religiões organizadas. De acordo com as tipologias do caráter autoritário em “*Man for Himself*”, Fromm caracteriza uma grande parte da prática religiosa como idolatria moderna de

veneração do poder, do sucesso e da autoridade do mercado:

“Se arranharmos a superfície do homem moderno, descobrimos um grande número de primitivas formas religiosas de maneira individualizada. Muitas definimos como neuroses; mas podemos dar-lhes seus respectivos nomes religiosos: culto aos ancestrais, totemismo, ritualismo, obsessão de limpeza etc.” (FROMM, 1950a, p. 245).

Segundo o texto acima, Fromm identifica como totemismo a entrega incondicional de muitos ao estado, a um partido político, cujo único critério de verdade é o interesse grupal, e cuja bandeira de identificação é venerada como um símbolo religioso (cf. FROMM, 1950a, p. 246). A entrega a um tal sistema absoluto dispensa ao ser humano a necessidade de decidir, de se justificar em seus atos, e a submissão a um sistema absoluto confere ao seu adepto a superação dos sentimentos de isolamento e limitação. A projeção das suas incertezas ao poder do grupo permite ao homem sentir-se membro dele e participar do seu potencial. Estas orientações idólatras, pertinentes ao caráter autoritário, Fromm classifica como “religião autoritária”, contrastando-a com religião humanista. Ele caracteriza tais religiões autoritárias – elas se apresentam como religião organizada ou como ‘religião secular’ – pela entrega do indivíduo a uma autoridade superior que não é racional. Aqui importa a distinção entre autoridade racional e não-racional:

“A autoridade racional quer ajudar, quer favorecer a autonomia, a autoridade irracional quer explorar e manter dependências. Objetivo da autoridade racional é tornar-se supérflua, enquanto a autoridade irracional tende a provocar

dependências, mesmo sendo elas desnecessárias, e a preservar ou aumentar dependências já existentes. Autoridade racional serve de exemplo, que se quer imitar, que se ama, respeita e que provoca gratidão; ... Autoridade irracional significa predomínio, provocando ressentimentos ou hostilidade, além de admiração e adoração cegas; ela é a relação entre donos e escravos” (HARDECK, 1993, p. 57).

Como a principal virtude da religião autoritária é a submissão, seu pecado mais eminente é a desobediência. Desobedecer significa que tal autoridade tem que se justificar diante do submisso a ela, que sua autoridade não é (mais) absoluta, inquestionável, mas submetida a critérios; agora é o súdito que a julga de acordo com os critérios por ele aceitos. Portanto, Fromm contrapõe o conceito da religião humanista ao da religião autoritária:

“A religião humanista é voltada ao homem e suas forças. O homem tem que desenvolver sua força da razão para entender a si mesmo, suas relações com o outro e sua posição no universo. Ele tem que conhecer a verdade, isso em relação a suas limitações, mas igualmente em relação a suas possibilidades. Ele tem que fazer crescer suas forças de amor aos outros, mas igualmente a si mesmo, e experimentar a solidariedade com todos os seres vivos. Ele necessita de normas e princípios que o conduzem a este objetivo. Experiência religiosa neste tipo de religião significa experiência da união com o todo, baseada na relação com o mundo, como alguém a compreende em pensamento e amor. Finalidade do ser humano na religião humanista é alcançar sua maior força, não sua maior impotência; a virtude é a auto-realização, não a obediência.

Fé significa certeza na convicção que se baseia na experiência do pensar e sentir, mas não na assimilação de doutrinas e no respeito aquele que as indica. A sensação predominante é a alegria, enquanto ela consiste nas religiões autoritárias de sofrimento e culpa” (FROMM 1950a, p. 249).

Hardeck comenta:

“Religião humanista nunca pode ser uma religião que suprime ou despreza as possibilidades do ser humano. Ela não conhece tabus ou dogmas que restringem a razão humana, mas ela favorece o quanto antes o conhecimento de si e do mundo. Seu programa não é a fuga em ilusões, mas realismo e solidariedade prática. Segundo sua mensagem, cada ser humano é chamado para se esforçar, fazer crescerem suas forças do amor ao próximo e a si mesmo, e de experimentar a solidariedade com todos os seres vivos (HARDECK, 1993, p. 71).

Neste tipo de religião, não se trata de valores e regras, mas do “respeito pela vida”, segundo Albert Schweitzer. Valores e regras vigoram somente em prol do ser humano, mas o homem não existe em função deles. Exemplos desta religião humanista, Fromm vê realizados no budismo, taoísmo e budismo zen, nos profetas judaicos, em Jesus e no cristianismo primitivo, no Hassidismo – que ele conheceu profundamente – e em várias vertentes no judaísmo e cristianismo, bem como em personagens como Sócrates, Mestre Eckhart, Espinoza, Goethe, Marx e Albert Schweitzer.

Em todo eclecticismos de que Fromm pode ser acusado, há nestas propostas e realizações aspectos comuns:

1) o ser humano e suas necessidades são ponto central

do seu interesse (‘favorecer bem-estar e evitar sofrimento’);

2) elas apontam a uma nova relação entre ser humano e natureza (‘cooperação em vez de exploração’);

3) elas transformam animosidade em solidariedade, dependência em autonomia, favorecem comunhão e individualidade;

4) elas querem libertar das ilusões nocivas de posse e consumismo. (cf. HARDECK, 1993, p. 72).

Respeito pela vida é o lema central de todo o pensamento de Fromm, seja o mencionado em seus comentários sobre o experimento pedagógico de Summerhill (1960e) e sobre as confusões posteriores à publicação deste livro dez anos depois (1970i), ou no modelo de biofilia de Albert Schweitzer (cf. 1963b), ou no engajamento dos profetas vetero-testamentários pelo culto do Deus vivo – no lugar da veneração dos ídolos. Os profetas são para Fromm representantes de um humanismo religioso radical: eles desmascaram a veneração dos ídolos como vinculação não à vida em sua abundância, mas a algo aparentemente vivo, feito pelas mãos e mentes humanas. Quando eles anunciam o tempo messiânico, como paz entre homem e homem, e entre homem e natureza, não apenas no sentido de uma ausência das hostilidades, mas como realização de uma verdadeira harmonia e unidade, eles anunciam a possível experiência do tornar-se um com o mundo e consigo mesmo, o fim da alienação, o retorno do ser humano para si mesmo (FROMM 1960b, Deutscher Taschenbuch Verlag, p. 75). Condição para isso não é uma obediência cega a

uma força maior que num certo dia resolverá os sonhos da humanidade, mas a confiança do ser humano em suas próprias forças e capacidades a serem desenvolvidas. Não é qualquer Deus que realize isso – são os sonhos do ser humano que prefiguram suas possibilidades a serem postas em prática, para o bem de todos. Diante disso, os profetas não se interessaram por conteúdos da fé, mas pelos estilos da vida. O anúncio do Deus único da vida contraria à possibilidade de se entregar aos ídolos de poder, honra, consumismo, sexo, posse, que são coisas: “... têm olhos e não podem ver, têm ouvidos e não podem ouvir, como diz o profeta” (FROMM 1975d, p. 78).

### C) O espírito de liberdade

Fromm sistematiza todos estes aspectos em sua interpretação radical do Antigo Testamento, em “*You shall be as Gods*” (1966a), publicado em português um ano mais tarde sob o título “*O Espírito de Liberdade*”. Neste livro, Fromm apresenta uma leitura não-teísta do Antigo Testamento, porém baseada na tradição judaica que ele estudou desde os anos da sua juventude sob a orientação da dos rabinos Georg Salzberger e Salman Rabinkov (FUNK, 1983, p. 33-45). O Antigo Testamento representa para ele menos um livro sagrado que um conjunto de experiências religiosas, sociais e culturais de um povo, feitas ao decorrer de mais que mil anos, com seus próprios impulsos à vida, sendo elas representadas pelo ‘Deus da vida’, de um Deus que atua concretamente na história e que oferece condições favoráveis de vida a um povo concreto.

Fromm vê um desenvolvimento do conceito de Deus neste livro a ser lido como um único, apesar de ser escrito por inúmeros autores anônimos: de um déspota absoluto (Gen. 1-5) a um Deus

de monarquia constitucional (Gen. 6-9) e um Deus indizível, sem nome (Ex. 3) (cf. HARDECK, 2005, p. 197-201). O que a teologia cristã costuma interpretar como pecado original, constitui para Fromm o primeiro ato da liberdade humana: a revolta contra uma obediência patriarcal representa o início da história humana como história da liberdade. Com a expulsão do paraíso não há como retroceder, a não ser regredindo, em termos psicanalíticos, a dependências já ultrapassadas; o que segue é uma constante luta contra os ídolos que ofuscam, inibem a vida que o ‘Deus da Vida’ apresenta e garante – desde que se queira. Cabe aos profetas manter esta recordação crítica viva contra todas as outras promessas sedutoras, porém falsas e enganosas, pois não levariam a um aumento de vida em autonomia e liberdade, mas de volta às antigas dependências, apenas sob a nova roupagem como Baal, Astarte e outros. Cabe ao ser humano escolher entre bênção e maldição, entre mais vida ou menos vida. Deus apenas topa as decisões humanas, não sem ter avisado os resultados previsíveis. Obedecer ao Deus da Vida não significa, portanto, seguir as regras incompreensíveis de um déspota, mas aceitar as melhores condições de vida para uma antiga tribo nômade, no deserto árabe, em fase de se tornar um estado independente, num ambiente hostil. Pecar não significa ser desobediente, mas optar e agir contra sua própria vida e a de todos (cf. FROMM, 1967, p.128-135; aqui 131). Neste sentido, o tempo messiânico não cairá do céu nem será um ato de graça divina, mas será a realização de um processo histórico no qual o ser humano se torna completamente humano, desenvolvendo liberdade, razão e amor a si e ao próximo ao máximo possível (FROMM, 1967, pp.99-101). Disso

resultará uma paz universal, que significa a superação das adversidades tradicionais dos homens entre si e com a natureza, como descreve Isaias (11, 6-9 e 35, 5-10), chegando a uma harmonia além de qualquer imaginação (FROMM, 1967, p.102s). Semelhante às ideias de Ernst Bloch, o caminho do ser humano para a realização das suas esperanças provém da tensão entre a necessidade, o desejo que gera a ideia e o ainda-não-ser da sua realização, relendo-as em sua deficiência como 'consciência antecipadora', como impulso de pô-las em prática de acordo com as melhores capacidades humanas (cf. BLOCH, 1985, vol. 13, p. 13-19). Nisso consiste, em última análise, a *imitatio Dei*: fazer o que o Deus da Vida propõe para a vida.

#### D) A experiência religiosa

É notável que Fromm não restringe, isso bem de acordo com o universalismo da tradição judaica, este caminho a um povo concreto, a uma religião ou a religiões organizadas. Como se trata de experiências-limite, Fromm nem as limita às religiões teístas ou não-teístas em descrever a experiência básica, numa comparação intercultural, como *experiências x*. Esta experiência ele vê realizada nos místicos, cristãos, judeus e muçulmanos, bem como no budismo zen. A *experiência x* ou *atitude x* marca seu portador por cinco aspectos a serem aqui elencados:

A pessoa x é caracterizada por:

- 1) sentir a vida como um problema que exige uma resposta; admitir essa inquietação profunda e consciente em relação às dicotomias existenciais da vida, e buscar uma solução para esse problema;

- 2) aceitar uma hierarquia de valores bem definida, sendo que o valor máximo é o desenvolvimento maior da capacidade de razão, amor, compaixão e coragem;

- 3) admitir como único fim o homem, sendo que o mesmo jamais representa um meio, pois toda sua atitude para com a vida é baseada na possibilidade de ajudar no intuito de tornar o homem mais humano. Esse processo de constante transformação interior e de tornar-se parte do mundo no ato de viver é a meta que subordina todas as outras;

- 4) libertar-se gradativamente do ego, da cobiça, dos medos; por esvaziar-se a fim de poder encher-se com o mundo e a humanidade, responder a ele, amá-lo e tornar-se uno com ele. Esse esvaziar-se não significa passividade, mas abertura;

- 5) abrir-se a algo que pode ser chamado de transcendente, no sentido de além-do-ego, das atribuições, do egoísmo e isolamento e experienciar uma ligação a todos os seres vivos (FROMM, 1967, p.51s).

Fromm entende transcender como um processo humano da superação dos limites costumeiros, socialmente transmitidos e considerados 'normais' por serem muito freqüentes, tais como nossas angústias, fobias, inseguranças, nossos medos e tendências de regredir – tudo aquilo que evita liberdade e razão, individualidade e verdadeira comunhão.

Como já apontado acima, a religião humanista focaliza este desenvolvimento pleno – se isso for possível – no sentido de uma crescente

autoconfiança realista do ser humano: saber das suas limitações e capacidades, de amar e conhecer, e de querer pô-las em prática. O mistério da vida humana é este: haurir de si mesmo, experienciar a si mesmo não como um incapaz e dependente, mas como uma fonte rica, potencialmente inesgotável. Neste sentido, uma verdadeira religião não é apenas um Credo em sua organização sócio-cultural, mas a experiência desta vida que segue com coragem e determinação as indicações da sua consciência humanista que é “a reação da nossa personalidade total ao nosso funcionamento correto ou impedido... Ela é a voz do nosso *Self* verdadeiro, que nos chama a vivermos de maneira produtiva, a nos desenvolvermos de maneira harmônica – i.é, de nos tornar o que potencialmente somos” (FROMM, 1947a, p. 101s).

### E) Conclusão

Volto à questão inicial da ‘classificação intelectual-acadêmica’ de Fromm. Será que ela é possível fazendo jus a este autor? Ou será que essas tentativas procedem daquela ‘escolarização’ de teorias, preocupadas com seu futuro como descrevi no início – algo de que Fromm se preservou à vida inteira? Se procurarmos um título central para todo o seu engajamento, que resume até seu Credo humanista (FROMM, 1992, p. 113-119), podemos escolher o título do seu manifesto socialista “*Let Man prevail*” de 1960, em português “*Que o ser humano prevaleça*”, de 1981. O livro é um apelo emocionante aos cidadãos norte-americanos de se tornarem conscientes da sua responsabilidade por sua própria vida, da dos seus filhos e da humanidade, e de se engajarem por uma sociedade diferente àquela época – preocupada mais com o armamento atômico do que

com o melhor desabrochar das chances de todos.

As preocupações e propostas de Fromm, em seus escritos todos, não são primeiramente teóricas: o que ele indica são caminhos para uma vida melhor, e identificações extremamente lúcidas dos caminhos errados. Em seu livro que podemos considerar seu testamento intelectual, “*To Have or to Be*”, de 1976, “*Ter ou Ser*” em português, de 1977, Fromm se refere a Mestre Eckhart, místico alemão, † 1327, cuja obra ele estudou profundamente durante vários anos (HARDECK, 2005, p. 231ss). Nas poucas páginas onde o menciona, (FROMM, 1976a, p. 314-318), contrapõe a análise do não ter segundo o Sermão 52 ao segundo significado de ser:

“Ser é vida, produtividade, nascimento, renovação, emanção, transbordamento. Neste sentido, ser é o contrário de ter, de vinculação ao eu e ao egoísmo. Ser no sentido de Eckhart significa ser no seu sentido clássico, uma expressão produtiva das próprias capacidades, mas não significa ‘estar de negócios’ no sentido moderno. Atividade significa para ele ‘proceder’ de si mesmo...” (Quint, 1977, p. 181, *apud* FROMM, 1976a, p. 318).

Talvez caiba aqui a mesma atribuição feita a Mestre Eckhart: ele era mais um mestre de vida (*Lebemeister*) que um mestre de teoria (*Lehrmeister*). As teorias são um mero instrumento, contudo, bem-vindas para aquele fim.

**Referências**

BLOCH, Ernst. *Tuebingen Einleitung in die Philosophie*. Frankfurt: Suhrkamp, 1985 (vol. 13 da *Werkausgabe*)

CARVALHO, Eurico. **O humanismo normativo de Fromm**. In: Revista da Faculdade de Letras: Filosofia, série II, vol. 04, 1987, p. 117-141. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1353.pdf> (consultado em 13/04/2010).

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A Psicologia da Felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

FROMM, Erich. **O Espírito de Liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967 (= 1966a GA).

\_\_\_\_\_. **Die Furcht vor der Freiheit**. Muenchen, Deutscher Taschenbuch Verlag, (dtv) 1980 GA, vol. I, p. 215-392 (= 1941a GA)

\_\_\_\_\_. **Psychoanalyse und Ethik**. Muenchen: dtv 1980 GA, vol. II, p.1-157 (= 1947a GA)

\_\_\_\_\_. **Psychoanalyse und Religion**. Muenchen: dtv, 1980 GA, vol. VI, p. 227-292

(= 1950a GA).

\_\_\_\_\_. **Den Vorrang hat der Mensch**. Muenchen: dtv, 1980, GA, vol. V, p. 19-41 (=1960b GA)

\_\_\_\_\_. *Vorwort*, zu: A. S. Neill. **Summerhill**, Muenchen, dtv: 1980, GA, vol. IX, p. 409-414 (= 1960e GA)

\_\_\_\_\_. **Der revolutionaere Charakter**. Muenchen: dtv 1980, GA, vol. IX, P. 343-353 (=1963b GA)

\_\_\_\_\_. **Pro und Contra Summerhill**. Muenchen: dtv, 1980, GA, vol. IX, p. 415-423 (=1970h GA)

\_\_\_\_\_. **Die Aktualitaet der prophetischen Schriften**. Muenchen: dtv, 1980, GA, vol. VI, p. 77-81, (= 1975d GA)

\_\_\_\_\_. *Some Beliefs On Man, In Man, For Man*, *apud*: Fromm, E. **Humanismus als reale Utopie. Der Glaube an den Menschen**, hg, por Rainer Funk. Weinheim: Beltz, 1992 (= 1999 GA)

FUNK, Rainer. *Anmerkungen des Herausgebers*, em: GA, 1989, todos os volumes.

\_\_\_\_\_. **Erich Fromm mit Selbstzeugnissen und Bilddokumenten**. Reinbek: Rowohlt, 1983.

GNISS, Emanuel: Uma noção dinâmica do caráter da pessoa, em: **Fragmentos de Cultura**, ano 5, nr. 13, setembro de 1995, p. 73-101.

HARDECK, Juergen. **Vernunft und Liebe. Religion im Werk von Erich Fromm**. Frankfurt/Berlin: Ullstein, 1992.

\_\_\_\_\_. **Erich Fromm. Leben und Werk**. Darmstadt: Primus/WBG, 2005.

QUINT, Josef. **Meister Eckehart, Deutsche Predigten und Traktate**, herausgegeben und uebersetzt von J. Quint. Muenchen: Hanser, 1977.

SCHAAR, John H. **O Mundo de Erich Fromm**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.



\* **RALPH GNISS** é Mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Munique e professor assistente da Universidade Federal de Goiás.